

DIVINA FRAU-MEIGS

divina.frau-meigs@sorbonne-nouvelle.fr

SORBONNE NOUVELLE, FRANÇA

NOTÍCIAS FALSAS E DESORDENS INFORMATIVAS

As “notícias falsas” vieram para ficar. Podem parecer uma reedição da velha propaganda tradicional, mas a presença de falsificações profundas, potenciada pela inteligência artificial, aponta para novas evoluções, em termos de redução do controlo humano e consequente aumento da entrada de agentes não humanos. A constelação de termos que se agregam em torno da designação “notícias falsas” indiciam a complexidade do assunto, dado que estas podem ser uma combinação de rumores, teorias da conspiração, sátiras, enganar propositalmente e até francas ameaças híbridas e manipulação estrangeira (Frau-Meigs, 2019). O alcance atingido por este fenómeno deve-se à sua amplificação pelos utilizadores nas redes sociais, os quais lhe conferem as suas três principais características: presença viral (conseguem atingir muitas pessoas), publicidade (a qual pode ser monetizada e gerar tráfego e lucro) e automatização (podem ser amplificadas por robôs e algoritmos).

Torna-se, pelos motivos enunciados, importante partir dos chavões impostos por Donald Trump durante as eleições de 2016 e utilizar o termo prospetivo *misinformation*, onde o prefixo “mis” (mal) é referente à maldade humana, às más práticas industriais e ao *software* malicioso. A maldade refere-se às motivações e à retórica dos falsificadores; as más práticas referem-se aos circuitos de negócios, alterados e desonestos, da publicidade *online*, assim como ao poder de criação de perfis dos algoritmos; o *software* malicioso refere-se às ferramentas robóticas disponíveis para realizar ataques informáticos e capturar informação de outros sistemas sem o conhecimento dos seus utilizadores. Os custos diretos e indiretos da *misinformation* podem conduzir a gravíssimos efeitos a longo-prazo, no que concerne à liberdade de receber e transmitir informação, o que acarretará danos, restringindo os processos democráticos e a construção de conhecimento académico.

Os custos totais para a democracia são a falta de confiança e credibilidade nas instituições, incluindo nos meios de comunicação social e nas redes sociais (High Level Expert Group on fake news and online disinformation, 2018).

Esta definição prospetiva coloca a *misinformation* no interior de todo o ecossistema das desordens informativas (incluindo a radicalização, o discurso de ódio, vigilância...) e associa-lhe outros riscos de consequências negativas (assédio, vício...). Estes problemas afetam a cidadania digital, associada a liberdades *online* e *offline*, especialmente a liberdade de expressão. Referem-se a uma “zona cinzenta” de danos que, não sendo ilegais ou ilegítimos na maioria dos países, afetam os direitos humanos e ameaçam uma “educação de qualidade” (ONU, objetivo nº 4 para o Desenvolvimento Sustentável), já que a integridade da informação é alterada e a integridade das eleições numa lógica de “paz e democracia” (ONU, objetivo nº 16 para o Desenvolvimento Sustentável) é posta em causa.

Muitas soluções têm vindo a emergir para combater as notícias falsas. Algumas estão relacionadas com uma *autorregulação* da indústria, como exemplificado pelo aumento da verificação dos factos, processo que coloca ênfase na fase de produção de informação verificada. Tanto a profissão jornalística como as plataformas de redes sociais estão a apoiar esta tendência. As plataformas de redes sociais estão igualmente a promover uma tendência de *regulação*, perante o questionamento sobre a sua responsabilidade e implicação, uma vez que se tornaram uma ágora pública “de facto” para a democracia. A solução a longo-prazo continua a ser a *educação*, especialmente a Literacia dos Média e da Informação (LMI, no inglês MIL), de modo a criar resiliência e incentivar o pensamento crítico no público em geral. A LMI pode constituir-se como o melhor filtro contra as notícias falsas, fornecendo ferramentas para refutar a mal informação, e chamando, simultaneamente, a atenção para todas as oportunidades e benefícios da “Sociedade da Informação” para o conhecimento e para a democracia.

Tradução: Raquel Lourenço (NOVA FCSH / ICNOVA, Portugal)

REFERÊNCIAS

- High Level Expert Group on fake news and online disinformation (2018). *A multi-dimensional approach to disinformation*. Retirado de <https://ec.europa.eu/digital-single-market/en/news/final-report-high-level-expert-group-fake-news-and-online-disinformation>
- Frau-Meigs, D. (2019). *Societal cost of “fake news” in the single digital market*. Bruxelas: Parlamento Europeu. Retirado de [http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2018/626087/IPOL_STU\(2018\)626087_EN.pdf](http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2018/626087/IPOL_STU(2018)626087_EN.pdf)

Citação:

Frau-Meigs, D. (2019). Notícias falsas e desordens informativas. In M. J. Brites, I. Amaral & M. T. Silva (Eds.), *Literacias cívicas e críticas: refletir e praticar* (pp. 77-79). Braga: CECS